

# Diversão & Arte

A CINEASTA BRASILENSE **RAFAELA CAMELO** RETORNA AO FESTIVAL DE CINEMA DE BRASÍLIA COM O LONGA **A NATUREZA DAS COISAS INVISÍVEIS**. AO **CORREIO**, ELA FALOU SOBRE O PROCESSO DE **CONCEBER O FILME** E SOBRE OS PRIMEIROS CONTATOS COM O CINEMA

Moveo Filmes/ Divulgação



*A natureza das coisas invisíveis: estreia de Rafaela Camelo na direção de longas trata de temas como a cordialidade e reflete sobre o período da pandemia de covid-19*

## RECONHECIMENTO EM CASA

» CARLOS SILVA

A cineasta brasileira Rafaela Camelo retorna ao Festival de Cinema de Brasília com o longa *A natureza das coisas invisíveis*, obra exibida hoje, no encerramento do evento. Formada em Audiovisual pela Universidade de Brasília (UnB), a diretora falou ao **Correio Braziliense** sobre sua trajetória, os desafios da distribuição de filmes no país e o desejo de conquistar reconhecimento, sobretudo, em território nacional.

Durante a entrevista aos jornalistas Ricardo Daehn e Mariana Reginato, Rafaela relembrou a formação acadêmica e o contato inicial com o cinema ainda na adolescência, quando frequentava cursos de Sérgio Moricone, na 508 Sul, e as disputadas sessões do Festival de Brasília. "Eu não venho de uma família que tinha bagagem cultural forte. Então, estar nesses espaços foi essencial para entender o funcionamento do cinema e como poderia me integrar a ele", conta.

A diretora também destacou o peso da experiência internacional em festivais, como Berlim, mas ressalta que seu objetivo maior é o público brasileiro. Para ela, a valorização no exterior tem importância, mas não substitui a necessidade de fortalecimento interno do cinema nacional. "O grande lugar é o Brasil. É aqui que a gente precisa valorizar os nossos filmes. Lá fora, por mais especial que seja conquistar uma janela, tudo acontece de forma muito rápida. O que eu quero é reconhecimento em casa", afirmou.

### Temas universais

*A natureza das coisas invisíveis* aborda temas complexos, como morte, maternidade e relações intergeracionais, mas parte da perspectiva de personagens infantis. A escolha, segundo Rafaela, surgiu do desejo de tratar a finitude da vida sem dureza excessiva, mas sem perder a honestidade. "Era muito importante não banalizar a morte. A ideia era falar sobre isso de maneira sensível, quase como um filme coraçõzinho", explica.

A produção também reflete marcas da

Guilherme Felix CB/DA Press



Rafaela Camelo participou do Podcast do Correio com os repórteres Ricardo Daehn e Mariana Reginato



pandemia de covid-19, período que, para a diretora, intensificou a ausência de rituais de despedida e o luto coletivo. "O filme nasce desse desejo de tratar o tema com cordialidade, num momento em que estávamos perdendo tantas pessoas sem poder nos despedir", disse.

Outro destaque da narrativa é a presença majoritária de personagens femininas, algo que, segundo a cineasta, ocorreu naturalmente, mas que dialoga com sua filmografia anterior. "Eu queria contar a história de duas meninas no centro da trama. E, quando expandi esse núcleo, me pareceu natural que fossem duas mães, já que o cuidado, historicamente, é um trabalho relegado às mulheres", detalha.

permeados por religiosidade, espiritualidade e questionamentos sociais. "No *Mistério da carne*, fui mais ácida ao falar sobre a criação opressiva em ambientes religiosos. Já em *A natureza das coisas invisíveis*, a espiritualidade aparece como parte cotidiana da vida das personagens, sem um rótulo específico", afirmou.

### Desafios do mercado

O longa é uma coprodução Brasil-Chile e conta com distribuição nacional da Vitrine Filmes, dentro do projeto Sessão Vitrine Petrobras, que garante ao menos um mês de exibição em salas com ingressos populares. A estreia está prevista para 27 de novembro.

Apesar da conquista, a diretora reconhece as dificuldades estruturais do setor. "O Brasil tem muitos filmes e poucas salas de cinema. Em Gramado, foram 340 inscrições para apenas 10 selecionados. Esse descompasso torna o ambiente cruel, porque há uma safra enorme de obras financiadas por leis de incentivo que talvez nunca encontrem o público", analisou.

### Expectativa para Brasília

Exibir o filme em sua cidade natal tem significado especial para Rafaela. "É um grande prazer passar em casa, reunir a equipe e celebrar essa trajetória. Espero que a sessão seja emocionante e que desperte no público a vontade de assistir também quando o longa entrar em cartaz", declarou.

Ao refletir sobre o prestígio internacional do cinema brasileiro, que recentemente celebrou vitórias de nomes como Gabriel Mascaro e Kleber Mendonça Filho, a diretora reiterou sua convicção: "Existe reconhecimento lá fora, especialmente em festivais como Berlim, que abraçam muito o cinema brasileiro. Mas o público com quem eu quero me comunicar é o daqui. Meu medo é ser uma diretora de um filme só, e, para seguir produzindo, eu preciso de reconhecimento em casa".

### CRÍTICA / *Assalto à brasileira* ★★★★★

#### *A louca corrida pelos cruzados*

» RICARDO DAEHN

"Mostrar para o governo que quem manda somos nós (povo)": essa fala do personagem de Christian Malheiros (na pele de Moreno, um aspirante a criminoso), na comédia de José Eduardo Belmonte, demarca o grau de crise e de intensa solidariedade do Brasil dos anos 1980. Belmonte cerca a ação de um dos maiores assaltos a banco do país. "Isso é desespero", reforça um dos personagens, que desencoraja a ação criminosa. Na trama, que recria os bastidores da agitação em frente à agência do banco Banestado (situado em Londrina), os limites de nonsense são posto à prova.

Observações hilárias do roteiro de L.G. Bayão vão ao encontro do timing cômico, da perfeita caracterização do período (tanto na cenografia como na apresentação de perrengues de uma nação), das improvisadas metáforas dos assaltantes e da cumplicidade de anônimos na corrente humana de curiosos em volta do prédio que abriga a (por vezes) tensa ação dos despreparados criminosos. Um senso de cordialidade e de cooperação dá as caras no longa do mesmo realizador de Billi Pig, que encontra, agora, o tom da graça. Jogos de cintura dos envolvidos, a inexperiência dos assaltantes e um senso de solidariedade assentam dinâmica divertida na telona. Há naturalidade no elenco, composto por nomes

Galeria Filmes



empáticos junto ao público, como Murilo Benício, Robson Nunes e Paulo Miklos.

A corrida por 30 milhões de cruzados, em que se registra ainda a tensão em torno do enorme grupo de reféns, desemboca em notas de preocupação e vaidade quando o ladrador William questiona um jornalista (que cobre o evento): "Se (a gente) morre, você coloca o nome (no jornal)?". O tom colaborativo

e a convivência orgânica dos personagens instaura clima de confraternização e de polidez ("licença" e "desculpe" estão no inesperado vocabulário dos meliantes). O exasperado momento de crime acaba por se tipificar como um tempo de generosidade. Em comunhão com um desenho de som invejável, o uso de Sérgio Sampaio, Titãs e Ira! na trilha aumenta a potência de todo o conjunto.